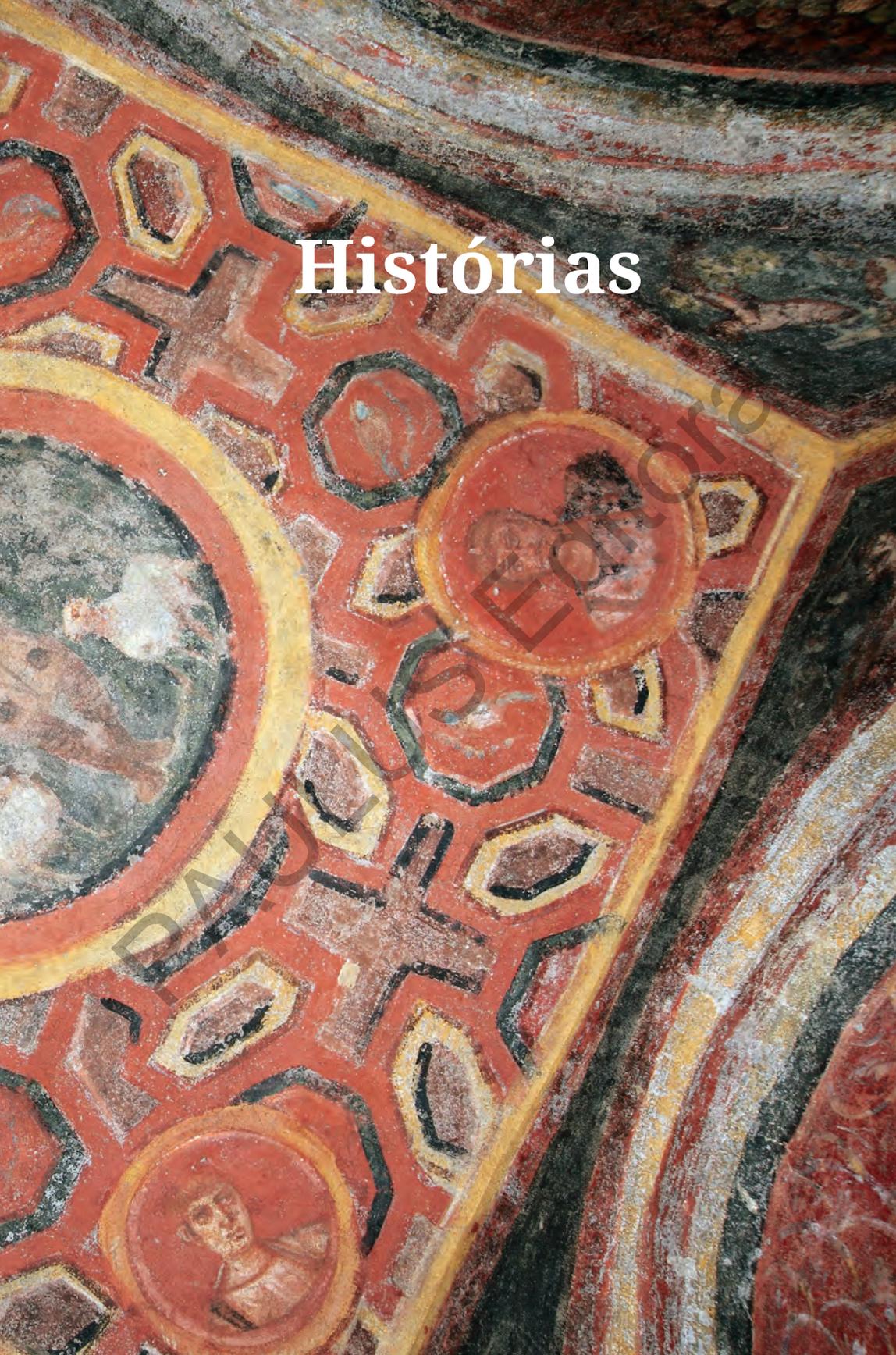




Histórias





O martírio dos Príncipes dos Apóstolos

A ligação íntima, indiscutível e iniludível entre os Príncipes dos Apóstolos e a cidade de Roma está documentada na carta dirigida pelo apóstolo São Paulo à pequena comunidade romana, cerca do ano 56-57 d.C, algum tempo antes de ter chegado pessoalmente à Urbe, para antecipar, por uma espécie de *preoccupatio*, a sua posição sobre temas doutrinários acerca da justificação e, portanto, da relação complicada entre a fé em Cristo e as obras da lei mosaica, que lacerava – naquele tempo – a vida das comunidades cristãs de todo o *orbis antiquus*.

Em boa síntese, interrogavam-se os fiéis etnocristãos, isto é, os cristãos de origem pagã, se seria obrigatório assumir toda a práxis e o preceituado judaicos, de um ponto de vista legal e cultural, a começar pela circuncisão. São Paulo foi o primeiro a negá-lo, e por isso sofreu as desavenças das comunidades judaico-cristãs, que se moldavam ao pensamento do Apóstolo Tiago. São Pedro, pelo que se deduz da Carta aos Gálatas (2,11), ainda que não mostrasse uma posição radical ou dissidente do pensamento de São Paulo, protagonizou o famoso incidente de Antioquia. Nesta última cidade, São Pedro costumava juntar-se para comer com alguns etnocristãos, mas quando aí chegaram, vindos de Jerusalém, alguns cristãos de rígida observância judaica, o Apóstolo Pedro interrompeu o seu costume. E é então que São Paulo o repreende publicamente.

Roma: Catacumbas de Vigna Chiaraviglio. Fresco com o abraço entre os Apóstolos Pedro e Paulo (segunda metade do século IV).

Destes rápidos apontamentos, presume-se que as relações entre os Príncipes dos Apóstolos não nasceram sob a inspiração da concórdia, mas um destino comum parece aproximá-los nos anos 60, quando foram simultaneamente a Roma, coincidindo com a perseguição de Nero, da qual não dispomos de uma documentação fiável do lado cristão, mas apenas de um testemunho de Tácito, que refere uma *ingens multitudo*, que sofreu horríveis suplícios ordenados pelo imperador. Nero – segundo esse historiador romano (*Annales* 15, 44) – terá acusado os cristãos de terem provocado o incêndio de Roma, entre os dias 18 e 19 de julho de 64 d.C., para afastar da sua pessoa a suspeita de ter sido ele quem o provocara. Não sabemos se a perseguição se manteve durante mais uns anos ou se logo cessou a seguir aos factos acontecidos, nem podemos compreender se os cristãos foram perseguidos na base de um concreto dispositivo legal ou se só existiu uma espécie de *ius coercionis* que os magistrados possuíam.

A única voz cristã evocadora dos factos ocorridos naquele verão de 64 e nos meses seguintes é a de São Clemente de Roma que, em finais do século, numa carta aos cristãos de Corinto (44, 1-5), conta as gestas dos protomártires e claramente faz referência a São Pedro, que «por ciúmes injustos, sofreu não uma ou duas vezes, mas infinitas... até ao martírio», e também a São Paulo, que «posto na cadeia, banido, lapidado, recebeu a nobre recompensa da sua fé».

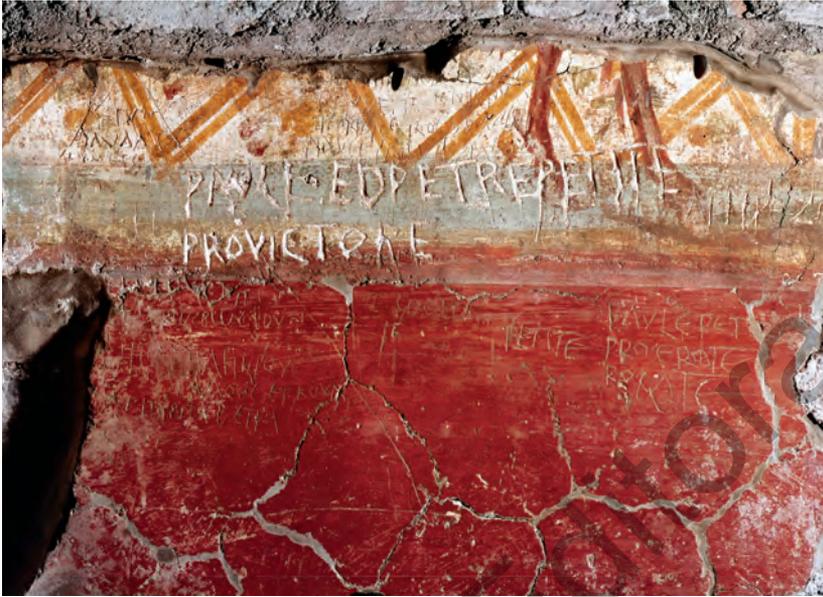
É difícil seguir, nas várias fases, a dinâmica da chegada e da estadia em Roma dos Príncipes dos Apóstolos, e somente de São Paulo estamos informados pelos Atos dos Apóstolos (28,13-15) do último segmento da viagem, desde a captura que, na primavera de 61, o trouxe para Roma como prisioneiro, proveniente de Cesareia da Palestina, onde, uma vez prisioneiro, tinha feito valer o seu direito de cidadão romano para ser julgado na Urbe. A sua interminável viagem por mar levou-o até Pozzuoli, onde o Apóstolo foi saudado por alguns companheiros de fé, antes de chegar a Roma, passando pela via Appia. Em *Tres Tabernae*, alguns membros da jovem comunidade romana, a quem alguns anos antes escrevera uma carta (com que iniciámos a nossa narrativa), vieram ao seu encontro e receberam-no em festa. Estas são

as parcas e rápidas fontes que documentam a chegada, a estadia e o fim glorioso dos Príncipes dos Apóstolos.

Aqui chegados, a palavra passa às fontes indiretas e aos monumentos, começando pelos troféus a que Eusébio de Cesareia, numa passagem veloz na sua *História Eclesiástica* (2, 25, 7), alude, lembrando a descoberta fortuita, numa biblioteca de Jerusalém, de um documento precioso que refere, entre outras coisas, um diálogo entre o homem da Igreja Gaio e um certo Proclo, que se gloriava da antiguidade e do prestígio do seu movimento, recordando que na terra dos Catafrígios e, concretamente, em Hierápolis, era ainda possível admirar o túmulo de Filipe, talvez o Apóstolo, ou talvez o diácono, e das suas quatro filhas. O presbítero romano Gaio chama a atenção do seu interlocutor sobre as memórias apostólicas nestes termos essenciais, embora pontuais: «Mas eu posso mostrar os troféus dos Apóstolos. Se, de facto, caminhares através da via Regia para o Vaticano ou pela via Ostiense, encontrarás os troféus dos que fundaram esta Igreja.»

As palavras de Eusébio encontraram uma correspondência surpreendente com os resultados das campanhas de escavações efetuadas durante a Segunda Guerra Mundial na necrópole vaticana. Aqui, como se sabe, foi descoberto um campo aberto, o famoso “campo P”, com o célebre “muro vermelho” que tinha anexo uma estrutura singular, constituída por dois nichos sobrepostos mas separados por uma espécie de mesa de travertino apoiada em duas pequenas colunas. O nicho, que foi simultaneamente construído com o “muro vermelho” e, portanto, em meados do século II, como demonstram os materiais encontrados nas escavações, ao mesmo tempo assinalava um túmulo de saibro, que pode e deve ser identificado como primeira sede sepulcral de São Pedro.

Além das diferentes hipóteses, que se cruzaram nos últimos quarenta anos e que trataram especialmente dos factos e dos tempos relativos a uma segunda colocação dos restos do Príncipe dos Apóstolos no lóculo do muro setentrional (o famoso “muro G”) dos dois que foram construídos para melhor delimitar a “memória petrina”, permanece inamovível a aquisição da contraprova monumental – única das duas a que deveriam corresponder as palavras de Eusébio, porquanto estão ainda em estudo as mais recentes



Roma: Catacumbas de São Sebastião. Ambiente da *trichia* com grafitos em honra dos Santos Pedro e Paulo (segunda metade do século III).

descobertas na basílica de São Paulo na via Ostiense – do imediato, mas pontual, testemunho indireto de Gaio.

O troféu do Vaticano chamou imediatamente a atenção dos devotos, que produziram, já nas adjacências do sepulcro, um densíssimo palimpsesto de grafitos, ainda apreciados na parede externa do “muro G” e difíceis de interpretar, com exceção de algum cristograma, mas seguramente referentes a uma frequência e, portanto, a uma primeira forma de culto e de peregrinação à memória petrina.

Além dos *martyria* do Vaticano e da Ostiense, monumentalizados no tempo da paz dos Constantinos, devemos recordar o terceiro polo da devoção aos Príncipes dos Apóstolos na Urbe, deslocado para a III milha da via Appia, no complexo de São Sebastião. O lugar, nomeado *ad catacumbas*, talvez devido à anfractuosidade assim definida em língua grega, hospedou, na prolongada evolução construtiva, um curioso organismo chamado *trichia*.

O singular lugar estrutural, caracterizado por um pórtico guardado de um balcão na muralha, de uma fonte e de um recinto mais

baixo, com uma escada que levava a um poço, devia servir para os *refrigeria*, ou seja, para as refeições rituais funerárias que se faziam em honra de São Pedro e São Paulo, no dia de aniversário do seu martírio, em 29 de junho, de tal modo que o complexo assumiu também a sugestiva definição de *memoria apostolorum*, porque em relação com este culto funerário, de tipologia extremamente popular, que se institucionalizou presumivelmente em 258, em conformidade com a data dos cônsules Tusco e Basso, que aparece na *Depositio Martyrum*, o precioso elenco hagiográfico, presente no *Cronógrafo* de 354, mas também em outros antigos e confiáveis documentos, como o *Catálogo Liberiano* e o *Martirologio Jeronimiano*.

Segundo os testemunhos literários e as descobertas arqueológicas, no dia 29 de junho, desde meados do século III, celebrava-se o culto conjunto dos Príncipes dos Apóstolos, numa sede única e diversa dos sítios onde estavam sepultados os seus corpos, isto é, na necrópole ostiense para São Paulo e no *ager vaticanus* para São Pedro. É difícil estabelecer os motivos profundos da gênese deste culto tão particular, mas não se exclui que aqui se venerassem os corpos dos dois Apóstolos, ou partes deles, colocados no complexo temporariamente, em consequência do grave momento persecutório inaugurado pelo imperador Valeriano que – como se sabe – levou à eliminação física da mais alta hierarquia da Igreja, a começar pelo pontífice Sisto II e pelos seus diáconos, trucidados no complexo de São Calisto em 6 de agosto do ano 258, e continuando com o subdiácono Lourenço, assassinado em 10 de agosto, e o bispo cartaginês Cipriano, martirizado em setembro do mesmo ano.

Além dos vários significados que possam ser atribuídos ao culto, é inegável o espírito popular que ele assume, patente, ao longo das paredes da *triclia*, nas centenas de invocações gráficas dos peregrinos, chegados à *memoria apostolorum* de toda a parte. E o culto continuou até que a *triclia* foi obliterada com um enterramento, efetuado no tempo dos Constantinos, que fizeram construir, em correspondência com a *memoria*, uma basílica redonda, ou seja, um daqueles particulares monumentos cujo fim a que se destinam varia entre o edifício de culto, o caixão funerário e a sede de uma veneração martirial.

Precisamente no complexo de São Sebastião, o Papa Dâmaso (366-384) fez gravar um dos seus célebres epigramas. O texto que nos chegou através das colectâneas medievais, e também pelas traduções italianas, mantém todo o seu fascínio: «Tu, que procuras os nomes de Pedro e Paulo, deves saber que os santos estavam aqui, no passado. Estes Apóstolos foram-nos enviados pelo Oriente, reconhecemo-lo com agrado, mas, em virtude do martírio, como seguidores de Cristo, e subindo pelas estrelas, chegaram às regiões celestes e ao reino dos justos. Roma teve o privilégio de os reivindicar como seus cidadãos. Isto vos quis dizer Dâmaso, em vosso louvor e das novas estrelas.»

Esta e outras fontes inspiraram a iconografia dos Príncipes dos Apóstolos, que, desde o início do século IV, se divulgou em Roma definindo duas fisionomias antitéticas, concreta a de Pedro, filosófica a de Paulo, por vezes justapostas num “face a face” simbólico, que quer representar a *concordia apostolorum*, às vezes ambientadas e contextualizadas em pequenos ciclos, que lembram a sua paixão. Mas a máxima iconografia atinge-se no tempo de Constantino, presente na basílica vaticana, em cuja absíde deveria estar em lugar primeiro uma calota anicónica e áurea e a seguir a primeira representação da *traditio legis*.

Esta representação, inspirada no cerimonial imperial, imortaliza Cristo Rei, juiz e imperador, que entrega a Lei e, portanto, a Escritura a São Pedro, seu primeiro dignitário, na presença de São Paulo. Tal cena, nascida e querida em Roma, representa a manifestação de uma fé que quer unir as igrejas dos gentios e da circuncisão, que ladeiam Cristo, pelo martírio, entendido não somente e nem tanto como sacrifício e testemunha, mas também e sobretudo como triunfo glorioso, projetado numa solução epocal, ou então no contexto do Juízo universal. Esta manifestação figurativa teve larga repercussão em todo o mundo cristão antigo e transformou-se no código iconográfico mais expressivo das discussões religiosas romanas por toda a Idade Média, para lembrar que a cidade vivera a sua conversão ao Cristianismo em nome de Cristo mas também em nome de São Pedro e São Paulo, mártires e intercessores do povo cristão de Roma em todos os tempos.

Referências bibliográficas

APOLIONI GHETTI, B. M.; FERRUA, A.; JOSI, E. & KIRSCHBAUM, E. (eds.). (1951). *Esplorazioni sotto la Confessione di San Pietro in Vaticano eseguite negli anni 1940-1949*, I-II. Cidade do Vaticano.

DONATI, A. (ed.). (2000). *Pietro e Paolo. La storia, il culto, la memoria nei primi secoli*. Milão.

HUSKINSON, J. M. (1982). *Concordia apostolorum. Christian Propaganda at Rome in the Fourth and Fifth Centuries: a study in Early Christian iconography and iconology*. Oxford.

PANI ERMINI, L. & SINISCALCO, P. (eds.). (2000). *La comunità cristiana di Roma*. Cidade do Vaticano.

L'Osservatore Romano 146, 29 de junho de 2007, p. 3